



COMO OS PROFESSORES ENSINAM E COMO OS ALUNOS APRENDEM: DIMENSÕES DA HISTÓRIA INDÍGENA NAS SALAS DE AULA DE BELÉM DO PARÁ

Autoras: Francilene do Rosário Castro Reis e Jenifer e Corrêa Pereira
Orientadora: Prof^a. Me^a. Livia Lariça Maia

INTRODUÇÃO

A formação de professores nos cursos de licenciatura é pauta de debates na academia desde as primeiras faculdades: o que ensinar, como ensinar e para quem ensinar. Essas questões estão presente no Brasil desde o início do século XX, tendo como resolução a escolha de um ensino universal para a população, tendo como elemento principal: favorecer a história da elite e mantê-la no topo da pirâmide social. Apesar disso, o Brasil passou por constantes mudanças e reformas que afetaram a educação e a história e que, em tese, estão se desfazendo do sistema tradicional de ensino. Como parte de nossa formação, sempre estivemos em contato com professores em atuação no ensino básico, desde os recém formados aos com 40 anos de carreira, por exemplo. Porém, não observamos uma grande mudança em como se ensina, especialmente a história indígena, objeto do nosso estudo. Em vista disso, este trabalho objetiva analisar a relação que professores e alunos de escolas públicas na cidade de Belém têm com a história indígena em sala de aula, através de entrevistas e questionários que buscam descobrir que história está sendo ensinada e para quem ela é ensinada, se há alguma diferença na formação acadêmica dos professores pesquisados e qual impacto essa formação gera no ensino de história indígena no ensino básico. Os resultados obtidos são de grande valor para os futuros debates acerca do impacto que o atual sistema de ensino em história está seguindo e que novos caminhos podemos propor para a contínua valorização e conservação da história indígena em sala de aula e fora dela.

METODOLOGIA

Consideramos a dimensão cognitiva da cultura histórica, de Jörn Rüsen (RÜSEN, 2015), como hipótese inicial, ou seja, se os alunos estavam aprendendo sobre história indígena tendo como “verdade” uma história cristalizada no período Pré-colombiano e Colonial. Foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho os estudos desenvolvidos por Mauro Coelho, Wilma Bahia, Márcio Couto Henrique e a pesquisadora indígena Rosani Fernandes Kaingang. Usamos o estudo comparado aplicando técnicas de coleta de dados fornecidas pelos alunos e professores de escolas públicas na cidade de Belém. As informações foram coletadas através questionários feitos com o auxílio da plataforma Google Forms e entrevistas feitas pessoalmente. Os formulários foram destinados para a) aos alunos de 1º, 2º e 3º anos do ensino médio, que já tiveram experiência com a temática indígena em outros anos e b) aos professores de história que atuam nas escolas de Belém, sem distinção de idade ou ano de formação. As perguntas foram de caráter objetivo, com a finalidade de identificar um padrão de ensino/aprendizagem sobre a presença ou não de história indígena em sala de aula e de que forma ela é abordada.

DESENVOLVIMENTO

Com base nos dados fornecidos pelos questionários, foi encontrado um padrão tanto para alunos quanto para professores. Com os alunos, notou-se a frequência de respostas para os indígenas como sendo os mesmos indivíduos no período colonial e a interpretação de vê-los somente como vítimas, fortemente ligado com o passado, ou seja, para a maioria dos alunos, o exercício de enxergar os indígenas para além do período colonial é praticamente inexistente, o que indica uma imagem congelada no tempo sobre eles. Houve a romantização desses indígenas, atribuída por alguns alunos ao “Dia do Índio”, nesse caso, se faz pertinente a adoção do exercício proposto por Márcio Couto (HENRIQUE, 2014) para fugir da generalização e promover a discussão centrada em um povo indígena por vez. É válido apontar reflexos do contexto social e da mídia na impressão formada sobre os indígenas, como por exemplo, os conflitos envolvendo os Yanomami, que influenciaram nas respostas. Para os professores, o currículo é uma grande problemática que implica diretamente nisso, uma vez que ele, sendo caracterizado como tripartite e eurocêntrico, é muito responsável pela forma como os alunos constroem a visão sobre esses indivíduos, mas, para além disso, há uma grande questão em relação à formação desses profissionais, problemáticas apontadas por Mauro Coelho (COELHO, 2021). Notamos também que mesmo com a aplicação da Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, ela não se torna efetiva quando entra em conflito com o currículo e a formação desses docentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É recorrente que a história indígena seja negligenciada em sala de aula, o que se mostra extremamente preocupante quando se parte do princípio que há em vigência uma legislação que garante o ensino de história indígena nas escolas e o contexto social de conflitos violentos e silenciados em que estão envolvidos os povos indígenas do Brasil, legislação essa que tem o intuito de contrariar as afirmações eurocênicas através do ensino. Essas problemáticas enfrentadas estão além da relação professor e aluno uma vez que são estabelecidas em esferas externas à sala de aula, levando em consideração que eles estão inseridos em estruturas sociais e políticas carregadas de preconceitos e empecilhos para que o ensino de história indígena seja feito de forma adequada. No caso de Belém, local escolhido para a aplicação da pesquisa, esse distanciamento com o conteúdo é ainda mais preocupante, já que é capital de um estado com grande concentração de comunidades indígenas que têm histórias a serem preservadas. Por fim, esse estudo vai além dos dados: há currículo, tradição, conflito de interesse político e social que buscam contar “a sua história” e que nós, historiadoras e historiadores, devemos estar atentos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 11.645 de 10 de Março de 2008**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. COELHO, MC; COELHO, W. DE NB. **Educação para as Relações Étnico-Raciais e a formação de professores de História nas novas diretrizes para a formação de professores!**. Educar em Revista, 2021. FERNANDES, Rosani de Fátima. **Sobre povos indígenas e diversidade na escola: superando estereótipos**. In: BELTRÃO, Jane Felipe & Lacerda, Paula Mendes. *Amazônias em tempos contemporâneos: entre diversidades e adversidades*. Rio de Janeiro: Mórula, 2017, p. 190-210. HENRIQUE, Márcio Couto. **A temática Indígena da Sala de aula**. In: *Diálogos entre História e Educação*. Belém: Ed. Açai, p. 83-95, 2014. MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**. São Paulo: Paulinas, 2012. RÜSEN, Jörn. **Teoria da história: uma teoria da história como ciência**. Curitiba: Editora UFPR, 2015. SANTOS, Leonardo Ryon Alves. **Protagonismo indígena no ensino de história: entre a rede, a morte e a escravidão**. In: MAIA, Livia Lariça, SULIMAN, Sara da Silva(org.). *História Indígena e do Indigenismo: novos olhares e perspectivas em pesquisa e ensino*. Ananindeua-PA: Cabana, 2023.